

## SIMPÓSIO AT049

### ANIMACIDADE E INTENCIONALIDADE NAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS ANALÍTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

PEREIRA, Luana Gomes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
luanagomes@ufrj.br

**Resumo:** Neste trabalho, investigamos os traços de animacidade e intencionalidade nas construções causativas analíticas do português brasileiro. Tais construções podem ser esquematizadas, de modo geral, como [SN1 V1 SN2 V2]↔[causação]. Chamamos, então, de construções causativas, aquelas que apresentam uma relação de causa e efeito (Shibatani, 1972), em que um constituinte causador (SN1) tenta manipular um constituinte causado (SN2), para obter um resultado. Tendo por base os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, em especial dos da Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001) – a qual propõe que a língua é um conjunto de construções pareadas quanto à forma e ao significado –, buscamos investigar propriedades semânticas do causador e do causado nas microconstruções com os verbos deixar, fazer, levar, mandar, permitir e obrigar, a fim de verificar a força com que a situação causativa pode ser conceptualizada. Para isso, analisamos a Amostra Midiática do PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua), da UFRJ, constituída de textos de diversos gêneros do domínio jornalístico (artigo de opinião, crônica, editorial e notícia) extraídos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo. Em nossos resultados, observamos a estreita relação entre animacidade e intencionalidade; no entanto, nossos dados apontam que os sujeitos causadores são não animados em sua maioria - diferentemente do que se espera de uma configuração causativa prototípica - e, portanto, exercem menor manipulação sobre o elemento afetado.

**Palavras-chave:** construções; causatividade; animacidade; intencionalidade.

**Abstract:** In this work, we investigate the animacity and intentionality features in the analytic causative constructions in Brazilian Portuguese. These constructions can be schematized in general as [SN1 V1 SN2 V2]↔[causação]. We call causative constructions those which present a cause-effect relation (Shibatani, 1972), in which a causer (SN1) tries to manipulate a causee (SN2), in order to obtain a result. Based on the Usage-Based Models, specially the Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001) – that proposes language as a set of constructions paired as form and meaning – we aim to investigate the causer/causee semantic properties in microconstructions with the verbs deixar, fazer, levar, mandar, permitir and obrigar to verify the force of conceptualization of the causative situation. To do this, we analyse the PEUL Media Sample from UFRJ, formed by texts of various genres in the journalistic domain (opinion's article, chronicles, editorials and news) extracted from O Globo, Jornal dom Brasil, Extra and Povo newspapers. In our results,

we observe the straight relation between animacy and intentionality; however, our data shows that the majority of causers are non animated – differently from what we expected in a prototypical causative configuration – and, then exerce less manipulation over the affected element.

**Keywords:** constructions; causativity; animacy; intentionality.

## Introdução

A causatividade é um fenomeno amplamente estudado em diferentes aborgagens; no entanto, as construções causativas em sua forma analítica não tem recebido muita atenção dos pesquisadores.

Neste trabalho apresentaremos algumas considerações sobre a conceptualização do sujeito causador e do sujeito causado na construção causativa analítica do português brasileiro (PB), a fim de verificar as implicações semânticas das escolhas de referentes e papeis temáticos destes elementos.

Para esta caracterização, apoiamo-nos na teoria dos Modelos Baseados no Uso, em especial a Gramática de Construções Cognitiva, que define a construção como sua unidade básica, que representa um pareamento de forma e significado (GOLDBERG, 1995;2006). Além disso, entende-se que a linguagem se desenvolve pela experiência linguística do indivíduo, sendo assim uma abordagem do tipo bottom-up, ou seja, que se estuda a partir do uso.

Neste trabalho, apresentaremos uma breve explicação dos modelos que baseiam nosso estudo e uma caracterização das construções causativas analíticas no português brasileiro. Em seguida, mostramos a metodologia adotada, bem como os resultados e a análise dos dados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais e as referências utilizadas.

## 1. Modelos Baseados no Uso

Neste trabalho, nos apoiamos nos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU). Nesta concepção, há uma relação entre estrutura

linguística e instâncias de uso da língua. Uma vez que o sistema linguístico se relaciona com o uso, esta abordagem se fundamenta na observação de dados reais. Além disso, considera a abordagem do tipo *bottom-up*, ou seja, a repetição de instâncias similares favorece a formação de padrões mais gerais e abstratos (KEMMER e BARLOW, 1999, p. xii).

Dentro do modelo da Gramática de Construções, temos como unidade básica a construção, que se baseia na não previsibilidade do significado do todo a partir do significado de suas partes. Com isso, a construção é entendida como um pareamento entre forma e significado, independentemente de ser formada por palavras ou por sequências maiores (CROFT, 2001).

## 2. Construções causativas analíticas

Goldberg (1995), dentro da abordagem da Gramática de Construções, delimita a construção de movimento causado nas estruturas argumentais. A autora propõe que esta construção possui uma relação de movimento e, a partir de uma relação de herança, com a propriedade de extensão metafórica, pode ser entendida como causalidade, com o sentido de transferência. A autora propõe o modelo sintático [Suj V não estativo Obj Obldirecional] associado ao significado 'X causa Y mover-se para Z'.

Ainda que não trate das construções causativas propriamente, esta estrutura pode ser transposta para indicar a causação. De forma geral, as construções causativas analíticas podem ser esquematizadas como [SN<sub>1</sub> V<sub>1</sub> SN<sub>2</sub> V<sub>2</sub>]↔[causação], em que SN<sub>1</sub> representa o sujeito causador, V<sub>1</sub> o verbo indicador de causa, SN<sub>2</sub> o sujeito/objeto causado e V<sub>2</sub> o verbo referente ao resultado pretendido.

Em se tratando do tema deste artigo, os traços de animacidade do sujeito causador e do causado indicam, dentre outros fatores, a força de conceptualização da situação causativa. Talmy (1976), tendo por base a

perspectiva de “force-dynamics”, distingue quatro tipos de eventos causativos, a depender do traço de animacidade do causador e do causado:

- Causação física – quando um objeto físico age sobre um outro objeto físico.
- Causação volitiva - uma entidade intencionalmente age sobre um objeto físico.
- Causação afetiva - um objeto físico age sobre uma entidade com capacidade mental, a qual é afetada.
- Causação indutiva – uma entidade intencionalmente age sobre uma entidade com capacidade mental, afetando a primeira.

A representação mais prototípica de causatividade é a causação física, a qual se encontra polo de maior força de conceptualização. Se considerarmos um protótipo de causatividade, podemos concluir que há uma interrelação entre participantes e a manipulação direta do causador sobre o causado, descrita por Gilquin (2006) como: “um único causador, definido e humano, manipula um causado único, distinto do causador, para produzir um efeito volicional e material, o qual pode afetar ou não um paciente específico único e definido”.

Lakoff (1987) defende que a manipulação direta engloba propriedades referentes aos vários participantes da situação causativa: agentividade, intencionalidade, afetamento do paciente, transferência de energia do agente para o paciente, simultaneidade dos eventos, compartilhamento espacial dos participantes. Nesta configuração, um agente humano e volitivo transfere energia para um paciente, através de suas mãos, corpo ou algum tipo de instrumento concreto. Juntamente a isso, observamos que a atuação do agente é anterior à mudança de estado de coisas ou evento, podendo o paciente estar visualmente acessível ao agente, que percebe a realização do resultado almejado.

### 3. Análises

Para este estudo, analisamos a Amostra Midiática do PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua), da UFRJ, constituída de textos de diversos gêneros do domínio jornalístico (artigo de opinião, crônica, editorial e notícia) extraídos dos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Extra e Povo. Esta amostra é formada por um total de 375 textos, dos quais selecionamos as microconstruções com maior frequência token – aquelas formadas com os verbos *fazer, deixar, permitir, obrigar, mandar e levar*.

As microconstruções foram categorizadas de acordo com o tipo de causação, como exposto na tabela 1:

animacidade do causador	animacidade do causado	tipo de causação
animado	animado	indutiva
animado	não animado	volitiva
não animado	animado	afetiva
não animado	não animado	física

Tabela 1: tipo de causação e animacidade dos constituintes na construção causativa

Os exemplos (1), (2), (3) e (4) representam, respectivamente, exemplos de causação indutiva, volitiva, afetiva e física:

- (1) Acordava com o coração aos pulos. Achava que o monstro já tinha me pegado. Um dia *meu pai me* obrigou a abrir a porta e constatar que eram apenas folhas e abacates. (O Globo, 21/10/02, Amedrontado)
- (2) Em Oswaldo Cruz, região de Nova Alta Paulista, o *prefeito Valter Luiz Martins fez*, em sete anos, a *arrecadação* municipal aumentar 207% em termos reais. (JB, 02/06/03, O empreendedorismo e as prefeituras)
- (3) Ao despertar e antes de deitar-se, Rosa ajoelha-se diante do sacrário para dialogar com seu Senhor. *A lâmpada vermelha* que "denuncia" a presença real e misteriosa atrai seu olhar e *a faz sentir* que ali está seu último refúgio, que é também abrigo dos refugiados com quem trabalha. (JB, 08/03/04, Umas e outras)
- (4) Sei de casos de pessoas que fazem de tais doações um grande meio de ganhar "um qualquer" negociando as fantasias no varejo. Em compensação, em outras escolas existem

*esquemas organizados* que fazem com que *tais fantasias* cheguem direitinho às mãos do povo comunitário. (Povo, 17/01/04, Comunidades)

A análise das combinações entre o traço de animacidade do causador e do causado nas microconstruções causativas nos permitiu verificar algumas diferenças entre eles. Os resultados para esse cruzamento estão presentes na tabela 2.

Tipo de causação	fazer		levar		obrigar		mandar		permitir		deixar	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
indutiva	5	21,8	1	4,8	5	38,5	3	60,0	1	5,6	7	87,5
volitiva	3	13	0		0		2	40,0	0		1	12,5
afetiva	12	52,2	15	71,4	7	53,8	0		5	27,8	0	
física	3	13	5	23,8	1	7,7			12	66,7		
<b>Total</b>	<b>23</b>		<b>21</b>		<b>13</b>		<b>5</b>		<b>18</b>		<b>8</b>	

Tabela 2- Combinação entre os traços de animacidade do causador e do causado nas microconstruções causativas do português brasileiro.

Considerando que, prototipicamente, a construção causativa possui um valor coercitivo, poderíamos esperar uma frequência de ocorrência maior de causadores e causados animados ( $SN_1$  e  $SN_2$ ), em uma causação indutiva. Entretanto, verificamos em nossos dados a prevalência de combinação entre sujeito não animado com objeto animado, o que caracteriza causação afetiva, embora haja uma visível distribuição das combinações entre os traços de animacidade do constituintes. Tendo por base a proposta de Talmy (op. cit.), na causação afetiva o sujeito causador provoca involuntariamente um resultado no elemento causado, o que nos faz pensar que a causação não é propriamente impositiva.

Apenas nas microconstruções com *mandar* e *deixar* observamos maior frequência de causação indutiva, que pode ser atribuída a uma posição de autoridade do sujeito causador sobre o sujeito causado. Nas microconstruções com *mandar*, esse tipo de causação reflete seu caráter intencional em favor do resultado. Nas microconstruções com *deixar*, a situação causativa pode manifestar a omissão do causador – que não evita a realização de um evento ou a permissão para que ele aconteça. Neste último, consideramos que o causador possui uma postura ativa em relação à situação causativa.

#### 4. Conclusões

Pelo que destacamos até aqui, podemos dizer que o cruzamento dos traços de animacidade dos constituintes causador e causado nos mostra que há diversas combinações para a caracterização dos tipos de causação. Em nossos dados, verificamos que predomina a combinação em que, pelo menos um dos constituintes é não animado.

Sendo assim, as microconstruções causativas analíticas no português brasileiro não se apresentam, em sua maioria, na forma prototípica de representação da causatividade, que implica sujeitos animados pra a realização do resultado esperado.

#### Referências

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective.** Oxford. Oxford University Press. 2001.

GILQUIN, Gaetanelle. The place of prototypicality in Corpus Linguistics. Causation in the hot seat. In: Gries, S. & Stefanowitsch, A. (eds): **Corpora in Cognitive Linguistics: corpus-based approaches to syntax and lexis.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.159-191. 2006.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a constructional grammar approach to argument structure.** Chicago. Chicago University Press.1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work-** the nature os generalization in language. Oxford. Oxford University Press. 2006.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: a usage-based conception of language. In KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael ed. **Usage Based Models of Language**. Stanford. CSLI Publications. 1999

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous things:** what categories reveal about mind. Chicago. Chicago University Press. 1987

TALMY, Leonard. **Semantic structures in English and Atsugewi**. Tese de Doutorado. Berkeley: University of California. 1972.

TALMY, Leonard. Semantic causative types. In Shibatani, M. **The grammar of causative constructions**. Academic Press. New York, 43-116. 1976.

TALMY, Leonard. **Force Dynamics in Language and Thought**. Papers from the Parassession on Causatives and Agentivity. Chicago. Chicago Linguistic Society. 1988.